

# Sarney não confirma convite a Brossard

O líder Fernando Henrique Cardoso perguntou, ontem, ao presidente José Sarney durante a reunião do Conselho Político: "Presidente, li hoje (ontem) no jornal **CORREIO BRAZILIENSE** que o senhor escolheria o ex-senador Paulo Brossard para ser ministro extraordinário da Constituinte. Esta informação procede?"

O Presidente respondeu: "Pois é, Fernando, eu também li isto no jornal". Para o chefe do Gabinete Civil de Sarney, José Hugo Castelo Branco, "o assunto não está em cogitação no governo". Já Humberto Lucena, líder do PMDB no Senado, garantiu, enfático: "Isto não existe". Ele afirmou que não se cogita de ministério extraordinário.

## Notícia surpreende Lyra

Em conversa telefônica com um assessor, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, que passou o dia de ontem em exames no Instituto do Coração, em São Paulo, mostrou-se surpreso com a informação de que o Governo pretende nomear o ex-senador Paulo Brossard para um ministério extraordinário, com a função de coordenar os trabalhos da comissão da Constituinte.

A nomeação de Brossard para servir de elemento de ligação entre a comissão e o Executivo avança justamente no trabalho de coordenação política prevista por Tancredo Neves para o Ministério da Justiça. Apesar de atingido pela medida, Lyra não se preocupou em desmentir, ao contrário, afirmou que não sabia de nada sobre a criação de um ministério extraordinário.

O assunto repercutiu intensamente no Ministério da Justiça, mas não alterou a perspectiva na qual Lyra já vem trabalhando desde algum tempo. O mesmo assessor que conversou com o ministro pelo telefone, mesmo observando que não se alongara com ele na conversa a respeito, mantida pela manhã, considerou que a nomeação de Brossard para coordenador "pode efetivamente acontecer".

O Ministro está consciente de que "Tancredo morreu e as coisas vão mudar", ficando a definição das funções dos ministros agora a critério do presidente

Sarney. Com isso, Lyra, que era um "homem de Tancredo", deve, naturalmente, ocupar um outro espaço no Governo, com tendência a não assumir a função de coordenação política.

O assessor concordou que a transferência das reuniões do Conselho Político para o Palácio do Planalto é parte dessa perda da coordenação política. Não entanto, não atribuiu a isso maior peso político ou encarou o fato como uma hostilidade de Sarney a Lyra. Observou que, paralelamente ao esvaziamento da coordenação política prevista para Lyra, "também nenhum outro ministro ou político assumiu a função de coordenação", tudo indicando que Sarney reservou esse papel para si mesmo.

Conforme o assessor, a coordenação política com Sarney "é o que melhor podia acontecer" pois hoje, sem Tancredo, "é ótimo que o Presidente assumia para valer". O assessor, porém, considerou a criação de um ministério para a Constituinte como um "esvaziamento histórico" da própria Constituinte.

Para ele, a coordenação, sendo exercida por Lyra, um ministro essencialmente político, estaria sempre ligada à realidade política imediata. "Um ministério só para isso vai acabar se transformando num órgão de estudos para o futuro, sem nada haver com o presente". Quanto ao esvaziamento e o desgaste de Lyra, o assessor observou "um certo exagero nisto".